

## A CARTOGRAFIA EXISTENCIAL DA JUVENTUDE RURAL

## THE EXISTENTIAL CARTOGRAPHY OF RURAL YOUTH

## LA CARTOGRAFÍA EXISTENCIAL DE LA JUVENTUD RURAL

*Franciane Prado Gonçalves*<sup>1</sup>

Universidade Federal de Jataí, Jataí (GO), Brasil

*Juliana Abadia do Prado Soares*<sup>2</sup>

Universidade Federal de Jataí, Jataí (GO), Brasil

**Resumo:** O presente trabalho visa apresentar uma revisão bibliográfica sobre “Cartografia existencial” e “Juventude Rural” e teve como objetivo pensar a juventude rural a partir da cartografia existencial. Essa discussão é parte integrante da tese de doutorado “A Cartografia das Juventudes Rurais: uma investigação no município de Rio Verde-GO” (em andamento), portanto, busca-se propor uma discussão teórica acerca do tema, ainda em construção. Para esse fim, recorreu-se a bibliografias nacionais e internacionais, utilizando a ciência geográfica na linha agrária e a sociologia rural de diversas universidades.

**Palavras-chave:** Juventude Rural, Cartografia existencial. Juventude.

**Abstract:** The present work aims to present a bibliographic review on "Existential Cartography" and "Rural Youth". It aims to think about rural youth from existential cartography. This discussion is an integral part of the doctoral thesis, “Cartography of rural youth: an investigation in the municipality of Rio Verde-GO. (In progress), therefore, we seek to present a theoretical discussion about the theme, still under construction. For this purpose, national and international bibliographies were used, using geographic science in the agrarian line and rural sociology from several universities.

**Keywords:** Rural Youth, Existential cartography. Youth.

**Resumen:** El presente trabajo tiene como objetivo presentar una revisión bibliográfica sobre “Cartografía Existencial” y “Juventud Rural”. Pretende pensar la juventud rural desde la cartografía existencial. Esta discusión es parte integral de la tesis doctoral, “Cartografía de la juventud rural: una investigación en el municipio de Rio Verde-GO. (En progreso), por lo tanto, buscamos presentar una discusión teórica sobre el tema, aún en construcción. Para ello se utilizaron bibliografías nacionales e internacionales, utilizando la ciencia geográfica en el renglón agrario y la sociología rural de varias universidades.

**Palabras clave:** Juventud Rural, Cartografía existencial. Juventud.

---

<sup>1</sup> Graduação em Geografia pela Universidade Federal de Goiás Regional Jatai (2009), Mestra em Geografia pelo Programa de Pós Graduação em Geografia UFG Regional Jatai. Doutoranda em Geografia pela Universidade Federal de Jataí (PPGGeo / UFJ) - Atualmente é professora- Secretaria Municipal da Educação Rio Verde. E-mail: francianeprado@hotmail.com

<sup>2</sup> Possui graduação em pela Universidade Federal de Goiás (1999), Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Goiás 2015/2017 - Doutorado em andamento (Inicio 2018) - Atualmente é professora - Secretaria da Educação de Goiás. E-mail: jupraso@bol.com.br

## 1. INTRODUÇÃO

Atualmente o tema juventude tem ganhado destaque em distintos campos, tais como o acadêmico, o cultural e o político, gerando grandes discussões a respeito do assunto. Diante disso, buscamos explicitar os diversos conceitos que são apresentados sobre juventude.

Para fins práticos de investigação, instituições de pesquisa de vários países definem a juventude a partir da abordagem cronológica de idade. O Brasil segue o padrão de análise da Organização Ibero-Americana da Juventude (OIJ), considerando jovens as pessoas que se encontram na faixa etária de 15 a 29 anos. Já a Organização Mundial da Saúde (OMS) define como jovens as pessoas com idades entre 10 e 24 anos. No entanto, esses parâmetros de classificação somente por faixa etária são limitados, pois não consideram a juventude como uma identidade social complexa. Segundo Bourdieu (1983, p. 113), “a juventude e a velhice não são dados, mas construídos socialmente na luta entre jovens e os velhos. As relações entre a idade social e a idade biológica são muito complexas.”

A afirmação de Bourdieu (1983) provoca a reflexão sobre a definição de juventude pautada em critérios de idade; observamos que ela vai muito além, pois deve levar em consideração as relações sociais que são construídas na sociedade. Nessa perspectiva, Castro (2012) explica sobre as relações entre as pessoas e entre as classes sociais.

Juventude é, sem dúvida, mais do que uma palavra. Ao acionar juventude como forma de definir uma população, um movimento social ou cultural, ao usar a palavra jovem para definir alguém ou para se auto definir, estamos, também, acionando formas de classificação que implicam relações entre pessoas e entre classes sociais, relações familiares e relações de poder (Castro, 2012, p. 439).

Devido à imensa complexidade que cerca o conceito de juventude, geralmente os estudiosos a abordam e a classificam de maneiras distintas. Oliveira (2006) define juventude a partir de cinco abordagens: faixa etária, ciclo de vida, geração, cultura ou modo de vida e representação social. Entre os pesquisadores, alguns enfatizam uma dessas abordagens, outros fazem diferentes combinações, enquanto alguns não estabelecem a definição de juventude, tratando o termo como autoexplicação. Segundo

Cassab (2015, p. 139), “não existe apenas um tipo de juventude, mas juventudes, que assumem diferentes expressões de acordo com as condições culturais e materiais que as rodeiam.”

De fato, o tema juventude remete a distintos conceitos e abordagens que ultimamente estão fortalecendo e aumentando o debate. No Brasil, o tema ganhou maior relevância na década de 1990, a partir dos esforços de pesquisadores com a maioria dos trabalhos na área da Sociologia, Psicologia, Antropologia e Educação, e de movimentos juvenis e da pastoral da juventude, que de certa maneira chamaram a atenção dos gestores do governo federal e municipais que começaram a entender que o universo juvenil é complexo, pois compreende múltiplas singularidades que precisam ser levadas em consideração na elaboração e implementação de políticas públicas, assim passaram a reconhecer que a juventude não é única, mas sim heterogênea, com características distintas que variam de acordo com aspectos sociais, culturais, econômicos e territoriais.

Diante disso, a pesquisa teve como enfoque a juventudes rural e a necessidade de compreender o papel desses sujeitos que fazem parte do cenário brasileiro no campo, que se encontram diante de tantas transformações e que participam diretamente na reconfiguração da estrutura do campo. Esses jovens residem no espaço rural e entre eles podemos encontrar aqueles que são da agricultura familiar camponesa, ou filhos de assentados, de pequenos proprietários, de empregados rurais, de trabalhadores, de grandes proprietários de terra, e devido a essa diversidade, optamos por utilizar o conceito juventudes no plural, pois, conforme Dayrell (2005, p. 34), “Assim, enfatizamos a noção de juventudes, no plural, a fim de enfatizar a diversidade de modos de ser jovem existentes.”

A pesquisa pretendeu empreender um debate sobre cartografia existencial da juventude rural, buscando entender seus limites, suas potencialidades e sua participação nesse cenário, ressaltando a importância de adentrar no universo da Juventude Rural e na cartografia existencial. Segundo Marques (2019, p.275), isso “segue também este propósito político: potencializar narrativas combatidas – porque combativas – pela ciência moderna. Nesse exercício, novos modos de produzir conhecimento se configuram”.

## 2. DESCORTINADO A CARTOGRAFIA: CARTOGRAFIA EXISTENCIAL

Em um primeiro momento, pretendemos pontuar o que compete à Cartografia na pesquisa, pautando-nos na evolução da análise e na produção de mapas. Por muito tempo a Cartografia se baseou somente em uma visão cartesiana, ligada a retas, linhas e medidas, em que a precisão matemática era fundamental, pois deveria apresentar um rigor científico para ser validada. No entanto, atualmente vivenciamos um cenário em que novas formas na produção de mapas estão se tornando relevantes, além da possibilidade de compreender e cartografar diversos elementos, tais como: social, econômicos e culturais.

Dessa maneira, há a necessidade de reconhecermos a presença da ideologia no processo de construção do mapa e a importância de expandirmos as formas de produção da Cartografia, quebrando a ideia de uma hierarquia na linguagem cartográfica, permitindo-nos atinar para uma diversidade de bases teóricas e metodológicas que buscam seu devido reconhecimento para superarmos uma dicotomia de um modelo linear homogêneo, tornando-se necessário compreender que as atuais formas de representação dos mapas devem ser reconhecidas e valorizadas como um aparato para a linguagem Cartográfica.

E os mapas das nações indígenas e de outras sociedades cujo referencial é outro? Não são mapas? E mapas turísticos, de propaganda imobiliária, de jornal... A crítica corporativa resolveu essa questão mudando o nome dessas representações: croquis, mapa mental, mapa ilustrativo. Essa visão eurocêntrica e elitista da cartografia em muito pouco contribuía para fazer avançar a discussão sobre o mapa na Geografia. É preciso lembrar que nesse período o paradigma neopositivo na Cartografia ganhava muita força devido ao crescimento da informatização, refletida na Cartografia Digital e nos Sistemas de Informações Geográficas. (Girardi, 2005, p. 65).

Nessa dualidade, evidenciamos uma ruptura entre uma Cartografia pautada na base cartesiana e uma Cartografia que valoriza os signos e representações. Harley (1991), apresenta suas contribuições a respeito da era contemporânea da Cartografia:

Para poderem estudar todos esses novos aspectos, os historiadores da cartografia estão adotando teorias provenientes das ciências humanas e sociais. Deixou-se de acreditar, por exemplo, na pretensa supremacia do sistema de representação numérica do mundo. Também já não se crê que os mapas modernos, inclusive os objetivos mediante o concurso do satélite Landstat e dos computadores, estejam à margem das maquinações do poder. Tal como o mapa de uma cosmografia indiana ou qualquer representação

asteca do Universo, as cartas geográficas por satélite não deixam de ser construções sociais. (Harley, 1991. p.9).

Dessa forma, a Cartografia se mostra também como uma análise que considera o caráter social, oportunizando uma leitura por meio dos significados, nesta perspectiva, os mapas, como componentes tradicionais da Cartografia, recebem como novos aparatos a Cartografia existencial, que passa a se configurar também como componente do conhecimento cartográfico.

Especificamente a geografia brasileira, em contato com a sociologia e com a filosofia francesa, ao se colocar atenta para cartografar a vida do sujeito, tem criado pressupostos e balizas norteadoras das reflexões dos “novos mapas”. Cartografia social, cartografia da subversão, cartografia de romances, cartografias esquizos – e tantas outras – atçam a imaginação, a criatividade, promovem, não sem perigos, uma verdadeira virada cartográfica. (CHAVEIRO, 2017, p.15).

De acordo Chaveiro (2017), notamos uma verdadeira “virada cartográfica” no que tange às novas metodologias de pesquisa que interpretam o espaço, o sujeito e a existência. Emerge, assim, uma nova proposta para se referir às cartografias que movimentam pesquisas, especialmente no campo da Geografia, tais como “novas cartografias sociais”, “cartografias participativas” e “cartografias existenciais”.

Pesquisadores como Girardi (2009) e Santos (2016), diante da chamada “virada cartográfica” dedicam atenção e esforço para interpretá-la. Iniciativas recentes apontam o surgimento de cartografias com denominações como “novas cartografias sociais”, “cartografias participativas”, “cartografias da ação”, “contra-mapeamentos”, entre outras. Tais cartografias se distinguem pela representação de aspectos da realidade (fenômenos, processos, elementos, atores, ações, etc.) pouco valorizados nas representações espaciais cartográficas hegemônicas – aspectos transformados em “não-existências”. (Borba, 2021, p. 21).

Conforme Chaveiro (2017, p.23), é própria das cartografias existenciais “a visita ao ser humano com todas as marcas dos do mundo, trabalho, afeto, traumas, tensões, educação”.

Dessa forma, a Cartografia se apresenta também como uma análise que considera o caráter social, que oportuniza uma leitura por meio dos significados, nesta perspectiva, os mapas recebem como novos aparatos desenhos, mapas afetivos, rabiscos e fotografias que passam a ser mais aceitos também como componentes do conhecimento cartográfico.

Entende-se por cartografias existenciais a representação do ser ou devir ontológicos que tenham, necessariamente, uma repercussão espacial. Os resultados das cartografias existenciais costumam ser exibidos de formas não cartesianas, pois não se trata de transpor medidas, projeções ou convenções técnicas tridimensionais em um papel ou carta digital. Mas sim em representar o vínculo espacial que os modos de existir dos sujeitos podem conter. [...] Apesar de serem evitadas transposições tradicionais da cartografia para a representação espacial da existência, não significa que tudo é cartografia existencial. É verdade que é possível demonstrar a existência por meio de desenhos, rabiscos, fotografias, escritas, entre outros, porém, para ser considerada uma cartografia existencial, os resultados das representações precisam ter vínculos geográficos identificáveis socialmente (Miranda; Chaveiro, 2017, p. 100).

Segundo Chaveiro e Vasconcellos (2018, p.33), “se cartografia é a representação do espaço demarcada e condicionada historicamente, cartografar existências, seja de indivíduos ou de grupos, significa juntar-se a sujeitos”.

Portanto, ao juntarmos os sujeitos é necessário termos um olhar atento, e ouvirmos as suas vozes com o intuito de entendermos suas particularidades. Segundo Borba (2021, p. 21): “cartografar existências é um processo minucioso de manuseio da observação direta, da escuta atenta, da palavra e de gestos singelos e amorosos. As pessoas cartografadas são sempre um território infinito de possibilidades e descobertas”. Diante do exposto, buscamos uma viagem ao mundo da Juventude rural no Brasil, com o intuito de dar vozes a esses sujeitos.

### **3. JUVENTUDE RURAL NO BRASIL**

Por mais que haja uma interação entre campo e cidade cada vez mais acentuada e a presença tanto de ruralidades no urbano como de urbanidades no rural não seja questionável, algumas características de ambos tendem a ser preservadas. Observamos que há uma tendência muito grande de saída das pessoas do campo para a cidade, fato que fica evidente no Censo Demográfico do IBGE, que demonstra que no Brasil, a partir da década de 1970, a população urbana superou a rural. De acordo com o último censo oficial do país, realizado em 2010, 84,4% da população vivem em áreas urbanas, enquanto apenas 15,6% estão em áreas rurais, diante dos números, o rural se torna cada vez menos atraente para se viver, o que reflete principalmente no jovem.

No Brasil, conforme o último censo populacional, existem 7,8 milhões de jovens entre 15 e 29 anos vivendo em áreas rurais (IBGE, 2010). Um universo quantitativo que se apresenta pequeno diante da população brasileira, mas que torna essencial compreender o papel dessa categoria - Juventude Rural - que cada dia está ganhando destaque no cenário brasileiro, que se encontra diante de tantas transformações e participa diretamente da reconfiguração na estrutura do campo.

[...] a juventude rural é percebida como uma categoria específica, e não na perspectiva de jovens e rurais. É uma categoria minoritária “dentro” da juventude. Quando retomamos os dados d PNAD<sup>3</sup> essa análise faz algum sentido. Os dados apontam que a população de 15 a 29 anos é de 49 milhões de pessoas e representa 27% da população. Por outro lado, 4,5% seriam jovens rurais. No entanto, ainda que pareça pouco no universo total, estamos falando de 8 milhões de pessoas. Isso sem entrarmos na problematização da própria definição de rural e urbano. Assim, se fossemos pensar a juventude rural como categoria específica e de pouca expressão numérica na sociedade brasileira, mesmo esse eixo deveria ser revisto. É uma população de 8 milhões de jovens! Nesse sentido, a invisibilidade que marca a juventude rural deve ser problematizada. (Castro, 2007, p. 129).

Sobre essa abordagem da invisibilidade da Juventude Rural no Brasil, citamos Weisheimer (2005), que realizou um estudo da arte sobre o tema da juventude rural no Brasil e concluiu que as questões da “migração” e da “invisibilidade”<sup>4</sup> são as mais presentes nos estudos. O autor apontou também que as abordagens caminham no sentido de ações (políticas públicas/ações dos movimentos sociais) que “impeçam” a juventude de completar o seu “destino”: a migração do campo para a cidade. Esse é um fator real da continuação do trabalho dos pais no campo e os responsáveis naturais para tal seriam os filhos e esse interesse deveria ser despertado nos mesmos enquanto são jovens, portanto, essa inquietude se dá também por parte dos pais, pois precisam desses jovens para garantirem a reprodução social.

Portanto, há a necessidade de compreender o papel de quem é esse jovem rural. Quanto à definição de juventude:

---

<sup>1</sup>A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD) é feita pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em uma amostra de domicílios brasileiros e, por ter propósitos múltiplos, investiga diversas características socioeconômicas da sociedade, como população, educação, trabalho, rendimento, habitação, previdência social, migração, fecundidade, saúde, nutrição etc., entre outros temas que são incluídos na pesquisa de acordo com as necessidades de informação para o Brasil.

<sup>4</sup> A questão da invisibilidade reside no fato mencionado anteriormente de que se priorizam os estudos relacionados à juventude urbana e acaba-se por compreender a juventude rural como uma subcategoria.

[...] informarmos a que juventude estamos nos referindo, pois, como construção social heterogênea, além de tomá-la como plural, devemos descrever os atributos e os processos que conformam as identidades específicas levando em consideração a realidade do universo físico de recorte: trabalho, educação, transporte, comunicação, lazer, comércio, enfim, o espaço público, bem como as relações de amizade, as condições de gênero e sexualidade (espaço privado). (...) Desta forma, não podemos chegar a conceituar a juventude rural de modo generalizante. Talvez uma forma de visualizarmos a possibilidade dos jovens compartilhando certas características, seja descrever diferentes juventudes inseridas na dinâmica do desenvolvimento local (socioeconômico), apontando para a trajetória histórica do lugar – sua propriedade familiar e sua comunidade – os ritos que marcam a entrada e saída da juventude (PEREIRA, 2004, p. 28).

Atualmente a juventude rural se encontra em um grande duelo entre se mudar para a cidade e ter uma vida urbana, a partir da qual busca uma melhoria de vida, oportunidades de empregos, formação e qualificação profissional, ou manter a trajetória construída na vivência no campo permeada pela dúvida sobre a viabilidade de se viver nas cidades, diante da violência, das incertezas, do estresse diário, entre outros. Neste contexto, Menezes (2006) destaca que:

[...] a juventude rural envolve grupos com situações sociais, espaciais e históricas diversas, bem como que suas estratégias de reprodução social são múltiplas. Há os que ficam nos espaços rurais inseridos no trabalho familiar; os que migram para trabalhos temporários em safras de cana-de-açúcar ou outras atividades agrícolas: os que engajam em trabalhos urbanos nas capitais de seus estados ou metrópoles de outras regiões e, ainda, os que buscam através da educação formal a capacitação para outras profissões. (Menezes, 2006, p. 3).

Ao realizarmos um balanço acerca da temática da migração da juventude rural no Brasil, podemos mencionar alguns autores como Abramovay (1998), Brumer (2004; 2006), Carneiro (1998; 2005), Castro (2005; 2009; 2013), Weishemer (2004; 2005; 2009), entre outros, como sendo pesquisadores renomados no âmbito brasileiro de temas relacionados à juventude rural. Assim, apresentamos no Quadro 1, elaborado por Troian e Breitenach (2018), como cada autor classificou os jovens e quais são os objetivos e os resultados de cada estudo.

### Quadro 1 – Autores, conceitos e resultados de pesquisa sobre juventude rural no Brasil

<b>Autores brasileiros e área de estudo</b>	<b>Principais resultados dos estudos com juventude desenvolvidos no Brasil e conceitos de juventude utilizados</b>
Abramovay <i>et al.</i> (1998) – Jovens no processo sucessório na agricultura familiar	O esvaziamento do campo é uma ameaça para o desenvolvimento rural; O êxodo da juventude promove o envelhecimento do meio rural e a masculinização do campo – a maior parte dos emigrantes rurais são moças. Não ficam evidentes os critérios e conceitos de juventude utilizados.
Brumer <i>et al.</i> (2000) – Jovens filhos de agricultores familiares e o processo migratório.	A permanência dos filhos na atividade agrícola depende das condições (econômicas e sociais) das famílias: viabilidade econômica da propriedade, qualificação para a entrada em novos mercados, estratégias de obtenção de rendas complementares, relação entre gerações, questão de gênero e escolha profissional. Não ficam evidentes os critérios e conceitos de juventude utilizados.
Brumer (2004) – Inserção das mulheres na agricultura familiar; gênero no processo migratório.	Os jovens se inserem nas atividades da unidade familiar de modo subalterno; trabalham com os adultos e dependem de boa vontade para terem recursos para o lazer e a compra de objetos pessoais; ocorre divisão do trabalho por sexo, os rapazes acompanham ou substituem os pais, e, as moças, as mães em suas atividades específicas. Não ficam evidentes os critérios e conceitos de juventude utilizados.
Freitas (2009) – Jovens rurais na universidade: sociabilidade e projeto de vida.	Desejo dos jovens em manterem os laços com a vida rural, mesmo ingressando na faculdade; interesse em estudar e trabalhar com agricultores para manterem os vínculos com o meio rural ou então trabalharem na localidade, mesmo com atividades não agrícolas. Não ficam evidentes os critérios e conceitos de juventude utilizados.
Carneiro (1998; 2005) – Fronteiras rurais e urbanas.	Morando em áreas rurais e transitando por áreas urbanas os jovens vivenciam diferentes redes sociais e práticas culturais; são invisíveis para a maioria das pesquisas acadêmicas e projetos de desenvolvimento voltados para o mundo rural; chama a atenção de pesquisadores. Juventude: fase de preparação para ingresso no mercado de trabalho, não ter constituído unidade familiar autônoma via casamento.
Castro (2005; 2013) – Jovens rurais de assentamentos na região de Seropédica no Rio de Janeiro.	O termo jovem possui diferentes significados de acordo com espaços de sociabilidade em que está atuando; a decisão entre ficar ou sair do meio rural está relacionada ao “peso” da autoridade paterna; sair de casa rompe com a dependência econômica e social paterna. Juventude: autorrepresentação, aqueles que se autodenominam jovens, independentemente de idade ou estado civil.
Wanderley (2007) – Desejos e futuro dos jovens rurais filhos de agricultores familiares de Pernambuco.	Alguns jovens projetam permanecer no meio rural (para realização pessoal e profissional); para outros, o projeto de vida é ser médico, advogado, bailarina, jornalista, entre outros; para todos os jovens rurais o principal projeto é vencer o isolamento e ter acesso à educação. Juventude como faixa etária de 15 e 24 anos – abordagem cronológica.
Weisheimer (2004; 2005; 2009) – Juventude rural do Rio Grande do Sul.	Os projetos profissionais têm diferenciações sexuais e etárias presentes nas práticas do trabalho e nas disposições necessárias a sua reprodução. Detectou-se projetos profissionais agrícolas e a recusa das jovens de permanecerem nesta atividade. Juventude como faixa etária de 15 a 29 anos – abordagem cronológica.
Lopes e Doula (2013) – Usos de Tecnologias da Informação e comunicação (TICs) entre jovens rurais.	Acesso às redes virtuais pouco difundido na área rural; similaridade nos usos da Internet pelos jovens rurais e urbanos; modos de usos e apropriações dos jovens sobre a tecnologia variam com conhecimento e ferramentas da Internet; pouco tempo para acesso; usam <i>lan houses</i> ; priorizam diversão e comunicação. Juventude como faixa etária de 18 e 29 anos - abordagem cronológica.

Troian (2014) – Projetos de vida dos jovens e percepções do cultivo de tabaco.	Heterogeneidade de percepções e diversidade de projetos; percepções dos jovens rurais são negativas em relação ao tabaco, mas os projetos de vida nem sempre são desvinculados do cultivo; muitos jovens projetando a permanência no rural. Juventude como faixa etária de 14 e 25 anos – abordagem cronológica.
---	--

Fonte: Troian e Breitenach (2018).

Em síntese, nos últimos anos houve um aumento do número de pesquisadores e estudos relacionados ao universo jovem, principalmente em áreas do conhecimento que ganham destaque nesse processo, como Sociologia, Antropologia, Educação e, recentemente, Geografia. Diversas são as perspectivas e definições usadas nos estudos com jovens rurais que vão desde as abordagens cronológicas à autorrepresentação, mas a maioria dos estudos aqui apresentados não salienta o critério utilizado para definir o objeto de estudo.

Em relação à pesquisa sobre juventude rural na Geografia, conforme Barbosa (2013), a juventude não tem sido “um dos temas mais envolventes”, demonstrando a importância de os geógrafos brasileiros colocarem em pauta questões sobre essa categoria. Dessa maneira, foram encontrados estudos que fazem uma leitura espacial e têm se preocupado em debater a juventude enquanto sujeito de pesquisa da/na ciência geográfica. O Quadro 2 apresenta os autores da Geografia e suas linhas de pesquisa relacionadas à juventude.

**Quadro 2** - Autores da Geografia, resultados de pesquisa sobre juventude rural no Brasil

<b>Autores da Geografia</b>	<b>Pesquisa desenvolvidas e projetos</b>
Neto (2008; 2012)	Tem se dedicado ao debate sobre as redes de sociabilidade de jovens <i>punks</i> e pertencentes ao movimento <i>hip-hop</i> , articulando teoricamente as categorias juventude, cidade e território, tendo como horizonte poder contribuir com a construção de uma Geografia das Juventudes.
Cassab (2009; 2010; 2011)	Procura problematizar questões sobre juventude urbana.
Fernandes (2013)	Vem refletindo sobre a relação entre juventude e religião a partir de uma perspectiva da Geografia da Religião, assim como sobre juventude rural.
Silva e Mendonça (2010)	Refletem sobre questões envolvendo juventude no campo, formação, qualificação e geração de renda a partir de uma perspectiva agroecológica, como resultado de um projeto de extensão que visa contribuir com a qualificação profissional e a geração de renda para os jovens do campo.
Silva (2009) e Lourenço (2011)	Seus trabalhos procuram analisar a participação da juventude rural em áreas de assentamento da reforma agrária.

Fonte: Elaborado pela autora a partir de Simões (2015).

Portanto, há um vasto campo de estudos interdisciplinares que passa por múltiplos temas e dilemas, correntes teórico-epistemológicas e perspectivas metodológicas, em que a Geografia se insere ainda de maneira tímida. Nessa perspectiva de buscar inserir o tema Juventude em estudos na área da Geografia, procuramos adentrar na temática juventude rural no Brasil.

#### **4. CONCLUSÃO**

Concluimos que as reflexões desenvolvidas ao longo desse referencial bibliográfico são importantes para direcionar a elaboração da pesquisa.

Por fim, todo o debate que foi trazido reafirma um encontro com o tema da pesquisa e um adentramento para refletir sobre ele, haja vista que o jovem não têm sido um ator no processo de desenvolvimento, nem foco dos estudos e pesquisas que visam às melhorias das condições de vida, especialmente no meio rural. Por outro lado, ninguém sabe melhor suas características, anseios e perspectivas do que o próprio jovem, sendo necessário voltar mais atenção para essa categoria.

As opções existentes para os jovens são várias, todavia sabemos que em um país capitalista subdesenvolvido no qual opera a desigualdade social nem todos têm as mesmas oportunidades, e observamos que existe uma carência de ações urgentes no sentido de sua valorização, bem como de proporcionar condições melhores de permanência no campo, como é o caso de educação, acesso à informação e tecnologia, além de planos de sucessão familiar que permitam autonomia social e econômica aos jovens rurais. Por isso, entender como o jovem rural do campo planeja seu futuro e como almeja alcançá-lo é de suma importância para o futuro dele e para a reprodução social no campo.

#### **5. REFERÊNCIAS**

ABRAMO, Helena. Espaços de Juventude. In: FREITAS, M. V.; PAPA, F. C. (org.). *Políticas públicas: Juventude em pauta*. São Paulo: Cortez Editora/Ação Educativa/Friedrich Eber Stiftung, 2003.

ABRAMOVAY, Ricardo et al. *Juventude e agricultura familiar: Desafios dos novos padrões sucessórios*. Brasília: UNESCO, 1998a.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

BORBA, Letícia. *Cartografias existenciais de mulheres com deficiência auditiva e surdas trabalhadoras na cidade de Goiânia (GO)*. 2021.89f. Dissertação (Mestrado) - UEG/Câmpus Cora Coralina, 2021.

BRUMER, Anita. A problemática dos jovens rurais na pós-modernidade. In: CONGRESSO LATINOAMERICANO DE SOCIOLOGIA RURAL, 7, Quito. *Anais...* Quito: ALASRU, 2006.

BRUMER, Anita. Gênero e agricultura: a situação da mulher na agricultura do Rio Grande do Sul. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 12, n. 1, p. 205-27, jan./abr. 2004.

CARNEIRO, Maria José. Juventude e novas mentalidades no cenário rural. In: CARNEIRO, Maria José; CASTRO, Elisa Guaraná (Org.). *Juventude rural em perspectiva*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

CARNEIRO, Maria José. Juventude rural: projetos e valores. In: ABRAMO, H.; BRANCO, P. P. M. (Org.). *Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005. p. 243-62.

CARNEIRO, Maria José. O ideal rurbano: campo e cidade no imaginário de jovens rurais. In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da; SANTOS, Raimundo; COSTA, Luis Flávio (Org.). *Mundo rural e política: ensaios interdisciplinares*. Rio de Janeiro: Campus, 1998.

CASSAB, Clarice. Da casa para a rua: a dimensão espacial da juventude. In: CAVALCANTI, Lana; CHAVEIRO, Eguimar F.; PIRES, Lucineide Mendes (Orgs.). *A Cidade e Seus Jovens*. Goiânia: Ed. da PUC, 2015.

CASTRO, Elisa G. de. Juventude do Campo. In: CALDART, Roseli S. (Org.). *Dicionário de Educação do Campo*. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012. p.437-444.

CASTRO, Elisa G. de. Juventude rural no Brasil: processos de exclusão e a construção de um ator político. *Revista Latino americana de Ciências Sociais, Niões e Juventud*. Colômbia, v. 1, n. 7, p. 179-208, 2009.

CASTRO, Elisa G. de. *Entre ficar e sair: uma etnografia da construção social da categoria jovem rural*. 2005. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, 2005.

CHAVEIRO, E. F.; VASCONCELLOS, L. C. F. Cartografias existenciais - premissas de uma leitura. In: CHAVEIRO, E. F.; VASCONCELLOS, L. C. F. (org). *Uma Ponte ao mundo: cartografias existências da pessoa com deficiência e o trabalho*. Goiânia: Kelps, 2018. p.43-77.

CHAVEIRO, E. F.; VASCONCELLOS, L. C. F. Ponte ao mundo: inserções espaciais da pessoa com deficiência. *Revista Pegada*, Presidente Prudente-SP, v.17, n. 2, p. 90-106, 2016.

DAYRELL, Juarez. *A música entra em cena: o rap e o funk na socialização da juventude*. Belo Horizonte: Humanitas, 2005. p. 21-44.

FERNANDES, Dalvani. Juventudes, geografia e religião: reflexões a partir das noções de forma simbólica e habitus. *RAEGA. O espaço geográfico em análise*, n. 27, Curitiba, Departamento de Geografia da UFPR, p. 67-93, 2013.

FREITAS, Isaurora Cláudia Martins de. Do campo à universidade: trajetórias e projetos de vida dos jovens universitários do meio rural brasileiro. In: CONGRESO DE LA ASOCIACIÓN LATINOAMERICANA DE SOCIOLOGÍA, 27.; JORNADAS DE SOCIOLOGÍA DE LA UNIVERSIDAD DE BUENOS AIRES, 8. *Anais...* Buenos Aires: Asociación La americana de Sociología, Buenos Aires, 2009. p. 1-11.

GIRARDI, Giseli. Mapas Desejantes: uma agenda para a cartografia geográfica. *Proposições*, Campinas-SP, vol.20, n. 3 (60), p. 147-157, 2009.

HARLEY, J. Brian. A nova história da cartografia. *O Correio da Unesco*, v. 19, n. 8. Ago de 1991. p. 4-9.

LOPES, Kamil Cheab David; DOULA, Sheila Maria. Juventude rural na sociedade da informação: a internet e seus usos no Brasil. *Revista Brasileira de Economia Doméstica*, Viçosa, MG, v. 24, n. 2, p. 113-32, 2013.

NETO, Nécio Turra. *Múltiplas trajetórias juvenis em Guarapuava: territórios e redes de sociabilidade*. 2008. Tese (Doutorado em Geografia) - Unesp, Presidente Prudente, 2008.

OIJ. *Brasil e a convenção Ibero-Americana*. Madrid: Organização Ibero-Americana da Juventude, 2012.

OLIVEIRA, E. G. *O lazer e a melhoria da qualidade de vida dos jovens rurais de São João Evangelista – MG*. 2006. Dissertação (Mestrado em Meio Ambiente e Sustentabilidade) - Centro Universitário de Caratinga, Caratinga: UNEC, 2006.

PEREIRA, J. L. G. *Juventude Rural: para além das fronteiras entre campo e cidade*. 2004. Tese (Doutorado em Sociedade e Agricultura) - Seropédica: UFRRJ, 2004.

SILVA, Anderson José da; MENDONÇA, Marcelo Rodrigues. Juventude no campo: formação, qualificação e geração de renda a partir da agroecologia. *Espaço em Revista*, v. 12, n. 1, jan/jun. 2010.

SIMÕES, Willian. *Comunidades Tradicionais de Faxinais e Gestão de Políticas Públicas Educacionais no Estado do Paraná: compreendendo territórios e*

territorialidades. 2009. Dissertação (Mestrado em Gestão do Território) - Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2009.

TROIAN, Alessandra; BREITENBACH, Raquel. Jovens e juventudes em estudos rurais do Brasil. *Revista Campo Grande*, v. 19, p. 789-802, 2018. Disponível em: Acesso em: 18 set. 2021.

WANDERLEY, M. N. B de. Jovens rurais de pequenos municípios de Pernambuco: que sonhos para o futuro 2007. In: CARBEIRO, M. J.; CASTRO, E. G (Orgs). *Juventude rural e perspectiva*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

WEISHEIMER, Nilson. *A situação juvenil da agricultura familiar*. 2005. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2009.

WEISHEIMER, Nilson. *Juventudes rurais: mapas de estudos recentes*. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2005.

WEISHEIMER, Nilson. *Os jovens agricultores e seus projetos profissionais: um estudo de caso no bairro de Escadinhas, Feliz (RS)*. 2004. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2004.

Recebido em 11/09/2023

Aceito em 19/10/2023

Publicado em 26/01/2024